

Entregadores Antifascistas e a luta por direitos³

Paulo Galo⁴

Eu trabalho como motoboy desde 2012. Em 2015, eu sofri dois acidentes que quase tiraram minha vida e resolvi parar. Aí, em 2017, arrumei outro trampo de carteira registrada, primeiro trampo que eu tive de carteira era de motoboy. Quando fui arrumar outro, arrumei de técnico de telefone em 2017, época que minha filha nasceu, mesma época que fui despedido. Fiquei desesperado, tive que comprar uma moto parcelada, ir atrás de emprego de motoboy que era o que eu tinha mais experiência com carteira de trabalho. Quando você tem uma família você quer ter garantia, um salário no final do mês, um FGTS acumulando, seguro-desemprego se for mandado embora, quer ter direitos que garantam você e sua família. O FGTS é uma coisa louca porque a maioria das pessoas que eu conheço conseguiram casa utilizando o FGTS como entrada. O cara trabalha dois anos, 20 anos em uma empresa e na hora de dar entrada num apartamento, terreno, faz essa entrada e consegue conquistar a casa própria.

Eu queria essas garantias para poder cuidar da minha família, da minha filha. Aí eu tirei a moto, fui atrás de um trampo

³ O artigo foi transcrito a partir da fala original na XV Semana de Gestão de Políticas da USP, ocorrida de forma virtual em outubro de 2020. O texto preservou a oralidade da apresentação, apenas com pequenas adaptações. A versão original pode ser consultada na página oficial do Centro Acadêmico Herbert de Souza: https://www.youtube.com/channel/UCM2g7JGjdr-30tE5BVcw_Pw/videos

⁴ Motoboy e criador do movimento dos Entregadores Antifascistas.

registrado e em 2019 já não tinha mais trampo registrado de moto, muito pouco. O sindicato fala que já teve 25.000 assinaturas de carteira e hoje conta com 5.000, então eu tive que me cadastrar em aplicativo. Logo no começo eu descobri que os aplicativos eram uma roubada, não era algo que eu ia conseguir cuidar da minha família da forma que eu gostaria, também não pensava em arrumar um trampo para dar para minha filha a mesma vida que o Luciano Huck dá para a dele. Eu queria garantias, você precisa de garantias. Porque a gente olha para o nosso futuro, mas quando a gente tem filho, isso vira um desespero, você não quer que sua filha venha a passar por nenhuma das coisas que você passou, dificuldades. Eu já vi no começo, em 2019, que os aplicativos eram uma roubada. E as pessoas falavam, se estava ruim por que você não saiu? Era só sair, não é escravidão.

É simples, você não sai dos aplicativos pelos mesmos motivos que você não sai das suas dívidas. Não dá para você assumir uma dívida de carro e sair dela, dívida da casa e sair dela. Deixar de pagar aluguel, então não é fácil sair. Eu comprei uma moto, parcelei, tinha um monte de coisa pra pagar, aluguel, comida, fralda, situações comuns da vida de um trabalhador que não me deixavam voltar para trás, era o que tinha e eu teria que enfrentar aquilo mesmo que fosse ruim. E do outro lado da história não tinha carteira assinada, então como eu ia sair dali? Era o que tinha, o que dava. Passei por um monte de coisa no aplicativo, até droga fui colocado pra entregar. Acabei descobrindo, sem eu saber, coloca você para buscar uma bolsa na Faria Lima e entregar no Morumbi, aí o motoboy acaba descobrindo as coisas que talvez nem quisesse descobrir. Passei por poucas e boas, até chegar

no 21 de março que foi meu aniversário de 31 anos de idade, quando a Uber Eats me bloqueou, o pneu da minha moto furou, a Uber Eats garantiu que não me bloquearia e mesmo assim bloqueou. Eu no outro dia já tinha sido bloqueado pela Uber, fiquei revoltado e falei: não vou chorar para a Uber trazer de volta meu cadastro não, vou lá na Globo, mostrar como aplicativo é zoado.

Fiquei falando sozinho na porta da Globo sem ninguém me ouvir. O segurança falou que se eu tivesse comida para entregar dava para eu entrar, e denúncia eles não estavam recebendo no momento. Na época eu tinha uns 300 seguidores no Instagram e coloquei lá, quem tem um contato de jornalista para fazer uma denúncia? Isso que a gente faz, pedir ajuda, aí me mandaram o contato da Intercept. Fiz um vídeo, em março o vídeo viralizou, quando eu comecei a fazer abaixo assinado, tentei convencer os companheiros, foi quando eles começaram a me mandar pra Cuba, falavam assim: "O aplicativo não está bom para você, vai pra Cuba!". E eu ficava chateado pra caramba porque eu falava assim, se fosse um playboy me mandando pra Cuba eu pedia a passagem para ele e ia na hora, batia a foto na estátua do Che e mostrava para o otário a viagem da hora que eu fiz. Mas um trabalhador igual você, um cara que está sofrendo que nem você, te mandando pra Cuba, isso rasga a sua carne.

Aí eu fiquei ouvindo esse vai pra Cuba várias vezes, quase fez eu desistir, quase funcionou. Aí eu falei, quer saber, quem sofre mais é quem sabe, porque minha luta era por alimentação, fazer os aplicativos garantirem café da manhã, almoço, janta, lanche da tarde e lanche da madrugada. E a partir disso começar uma luta pelo vínculo empregatício, porque para você fazer eles assumirem o vínculo empregatício primeiro você precisa deixar

um rastro, e esse rastro de vínculo não existe. Eles ficam se escondendo em coisas juridicamente porque eles conseguem se esconder, tem bons advogados para isso. Aí eu fui mudando de estratégia e falei: vou conversar com o pessoal da bicicleta. Quem sofre mais entende mais e o pessoal da bike sofre muito mais que o pessoal da moto, acaba sofrendo um grau a mais. Aí conversei com os companheiros, com os caras da Paulista. Poucos entregadores ali, consegui fazer um discurso ali no momento e convidei para o ato antifascista e antirracista. Achei que ninguém ia, eu falei lá sobre a proposta dos entregadores antifascistas, mas não existia os entregadores antifascistas, existia só o entregador antifascista que era eu. E aí quando foi no ato antifascista e antirracista tinha um monte de jornalista, repórter querendo saber de mim e dos entregadores e eu não tinha ninguém para apresentar, achava que ninguém ia aparecer. Quando menos esperava apareceu um, dois, três, quatro, dez, e pensei pronto, já era, o movimento existe. Foi aí que aquele segundo vídeo viralizou, que eu falo "aqui não tem perdedor de p** nenhuma, nós é força de trabalho", aí o segundo vídeo viralizou, e foi quando o boom aconteceu.

O mundo virou de cabeça para baixo. Eu era um motoboy que não conseguia uma resposta da Uber, quatro meses atrás eu era tratado como nada. Quatro meses depois estava o Luciano Huck ligando no meu telefone dizendo que ele queria fazer uma reunião comigo e com o Fabrício dono do Ifood para a gente poder bater um papo. Ou seja, meu mundo virou de ponta cabeça, e eu estava negando o Luciano Huck, falando não, de porta fechadas eu não conversei com patrão. Falei nossa, a coisa mudou, estou

negando o Luciano Huck, levei essa para o sistema: minha geladeira está vazia, mas neguei o Luciano Huck. Mas firmeza, o caminho é esse mesmo, acredito muito nesse caminho por mais que seja doído. Aí estamos até agora nesse caminho de luta.

O mais difícil dentro da caminhada foi fazer os companheiros voltarem a se enxergar como trabalhadores. A pessoa pergunta pra mim: qual foi a conquista da greve? Como se os aplicativos tivessem atendido alguma das demandas da greve e não rolou. A maior conquista da greve foi os trabalhadores voltarem a se enxergar como trabalhadores. Eu chegava lá na greve, o trabalhador estava feliz, um jogando o capacete para cima, outro com sorriso no rosto, eles estavam felizes naquele dia importante. Não tinha ninguém se sentindo empreendedor, estava todo mundo se sentindo trabalhador. Eu falo que eu não sou empreendedor, sou empoderador, sou outras ideias, meu caminho é de empoderar o companheiro ao meu redor. Eu acredito que o poder tem que estar na mão do próprio trabalhador. Se tem algum caminho para esse país seguir de forma saudável é levando o poder para a mão do trabalhador, dando o poder para os trabalhadores, e aí a partir disso conseguimos fazer qualquer coisa saudável. Pra mim foi a força de trabalho que fez tudo, não tem nada no mundo que não tenha sido feito pela força de trabalho, desde a roupa que a gente usa, os equipamentos eletrônicos que a gente usa, a tinta que está na sua parede, qualquer coisa ao seu redor foi a força de trabalho que fez, então nada mais justo que o poder estar na mão da força de trabalho.

O trabalhador precisa ter o poder na mão para poder decidir. Porque só o trabalhador para saber o que é bom para ele. Não

tem classe trabalhadora no executivo, não tem classe trabalhadora no judiciário, não tem classe trabalhadora no legislativo, não tem classe trabalhadora em nenhum poder. Classe trabalhadora não tem o poder na mão, de decisão das coisas. Não acredito que só organizar os entregadores hoje seja o caminho. Acredito que a classe trabalhadora no geral precisa que se organize para poder solucionar esse problema da uberização. Só os entregadores é muito pouco, fica difícil porque a coisa não vai ficar só nos entregadores, daqui a pouco a coisa pula. Daqui a pouco os carteiros são uberizados, os correios viram aplicativo. Daqui a pouco as empregadas domésticas viram aplicativo, daqui a pouco não, já viraram. Daqui a pouco são os marceneiros, metalúrgicos, os jornalistas. Daqui a pouco está todo mundo trabalhando por aplicativo, uberizado. Então adianta organizar só os entregadores? Não. Pra mim, a classe trabalhadora precisa se organizar, até para poder evitar que isso aconteça com eles, se organizar para falar: ó, está chegando um tempo ruim. Formiga não é assim? Formiga trabalha para chegada do inverno, o inverno está chegando, todo mundo tem que estar ligeiro. Então qual é a situação?

Pra mim, o caminho é a classe trabalhadora se organizar porque senão, não vai funcionar, a uberização vai avançar e vai avançar mesmo. A uberização é o desdobramento da Revolução Industrial. Na Revolução Industrial você teve uma nova tecnologia que chegou que era a máquina. A máquina era para auxiliar o trabalhador a produzir mais, trabalhar menos ganhar mais, aumentar a produção para o trabalhador poder fazer menos e ganhar mais, porque é isso que a gente quer e o que a gente merece, trabalhar menos e ganhar mais. Está cheio de gente que

chama a gente de vagabundo por causa desse discurso, que a gente quer trabalhar menos e ganhar mais, mas é isso que a gente merece. E o que a máquina fez, essa nova tecnologia? Auxiliou o lucro do patrão. O patrão percebeu que a máquina fazia o serviço de dez, mandou nove embora, capacitou um para operar a máquina, então a máquina que era para auxiliar o trabalhador a trabalhar menos e ganhar mais suprimiu o emprego dos trabalhadores. Trazendo pra hoje, o aplicativo era pra ser uma ferramenta para driblar o desemprego. Você tem uma ferramenta que aquece o mercado, conecta os entregadores aos restaurantes, aos clientes, cria essa rede de circulação e pronto, aqueceu o mercado, você está solucionando o problema do desemprego.

Só que o que acontece é que mais uma vez a tecnologia está sendo utilizada para auxiliar o lucro do patrão. Então os caras já estão bilionários, viraram unicórnio, unicórnio é quando passa de um bilhão. O que era para auxiliar o trabalhador, auxiliou o lucro do patrão mais uma vez, então a gente tem aí a uberização como desdobramento da Revolução Industrial. Como a Revolução Industrial avançou com tudo na classe trabalhadora, a uberização agora vai avançar também. E vai pegar todo mundo. Se a classe trabalhadora não se organizar para lutar contra isso, ferrou. Só os entregadores não vão dar conta, porque já é difícil organizar os entregadores. Pode organizar os entregadores de uma forma que a gente faça greve todo mês. Só vai adiantar quando isso pular para os correios, para os correios começarem a passar pela exploração, pela uberização, para depois entender que precisa parar. Vai ter que acontecer com outras categorias para elas começarem a se organizar, e parar pra lutar e descobrir que tem

que lutar pelos direitos. Eu acho que teve muita greve que aconteceu por aumento de salário. E não é uma crítica direta a essa situação, os trabalhadores têm que ganhar mais mesmo. Só que penso assim, quando você começa a lutar muito pela demanda e esquece dos direitos, você está funcionando junto ao capitalismo.

Qual é a conquista dos trabalhadores, o conjunto de luta dos trabalhadores? A CLT. Primeiro começa pela liberdade, direito básico. Primeiro a gente conquista a liberdade, depois o salário mínimo, férias, FGTS, décimo terceiro, seguro-desemprego. O auxílio maternidade, vamos conquistando direitos. Quando a gente para de pensar nos nossos direitos e começa a pensar mais na demanda, aumento de salário, eu acho que a gente começa a fazer um pouco do jogo do capitalismo, começa a beber um pouco dessa água do capitalismo e aí a gente começa a se embriagar um pouco e se perder. Então a minha luta é por direitos, eu acredito no conjunto de lutas dos trabalhadores, eu não joga a CLT no lixo. E tem muita gente que fala assim, "ah, a CLT é do Getúlio Vargas!". Onde que você viu isso? Getúlio Vargas era um fascista que entregou a Olga Benário grávida para os nazistas. E a minha lógica é simples: ele não estava em Palmares lutando pela liberdade, não estava na porta da fábrica lutando por salário mínimo, não estava fazendo greve. Ele deu uma canetada, e você tem que entender que é o punho cerrado que faz a caneta tremer, tudo que os trabalhadores têm hoje foi conquista dos trabalhadores. Não quer dizer que alguém foi lá deu uma canetada e pronto, entregou para nós de mão beijada. Não tem nada de direito dos trabalhadores que foi dado por um patrão, ou que foi dado por governante fácil, sempre teve pressão popular para

conquistar os direitos. Todas as conquistas dos trabalhadores são mérito deles. Falar que o Getúlio Vargas deu a carteira de trabalho para os trabalhadores é a mesma coisa que falar que a Princesa Isabel deu a liberdade pra nós também. Nem ela deu a liberdade pra nós e nem o Getúlio Vargas deu a liberdade pra nós. Foi tudo a gente que conquistou.

E acredito que a gente tem uma responsabilidade para com a próximas gerações. Eu estava conversando com um dos entregadores antifascista, o Adolfo, e ele largou uma pra mim assim: Galo, a gente tem uma responsabilidade, tem moleque que tem 13 anos e daqui dois anos está colocando uma caixa nas costas, a gente tem responsabilidade com esses caras. Ó que louco! Pra mim, o lance não é ser empreendedor, o lance é ser empoderador. Empoderar a classe trabalhadora e seguir por esse caminho. Hoje uma das maiores vitórias que eu coloco é ter conseguido me conectar bem com os metalúrgicos, os metroviários, os portuários, os petroleiros, os bancários. Porque a minha estratégia é um dia conseguir fazer uma greve da classe trabalhadora no geral. Eu sou ambicioso nesse ponto, fazer uma greve da classe trabalhadora contra a uberização, contra a retirada de direitos, contra a reforma da previdência, contra a reforma trabalhista, contra o que fazem com o trabalhador nesse país. Somos trabalhadores e precisamos estar unidos e entender o que é ser um trabalhador. É sangrar, doar, chorar, seu sangue seu suor, doar sua força de trabalho por aí, e a gente precisa que isso seja valorizado pelo mundo, pelo Brasil. E o caminho é a gente se unir e mostrar a coisa bonita que a gente é, mostrar urgentemente, porque trabalhador é isso, é um ser magnífico, que construiu o mundo.

Eu falo isso para os meus colegas: quando foi que você começou a desistir de ser um humano que construiu o mundo para ser um humano que destruiu o mundo? Vocês querem ser o patrão, o empreendedor, o ricão, o cara que passa por aí esbanjando dinheiro? Você é o ser humano que construiu o mundo. Você que levantou as pirâmides do Egito, a Torre Eiffel e mandou os foguetes pra Lua. Sabe o engenheiro que ganha diploma, nobel, não sei o que? Ele não é nada sem o parafuso que o metalúrgico faz. Manda o engenheiro fazer o negócio dele sem um parafuso. Está todo mundo conectado. Eu não faço diferença de força intelectual e braçal. Pra mim, a força de trabalho é o conjunto da força intelectual e braçal, eu não faço diferença um do outro, de um lixeiro para um médico, de um metalúrgico para um engenheiro.

Eu acredito muito nisso, na caminhada do Paulo Freire. Acredito que o conhecimento já ensina as pessoas, você não precisa ensinar as pessoas a nada, o conhecimento já está lá! Você só precisa falar algumas palavras-chaves e elas vão ativar coisas dentro do trabalhador que já existem lá. O trabalhador é um gênio. Está acumulando coisas na mente dele que são pequenas coisas que ele escuta, que ele vê que faz ele trazer todo esse conhecimento para fora. E ainda tem gente acreditando que precisa ensinar o pessoal, ensinar a classe trabalhadora a se unir, não! O ponto de união já está lá. Tudo que a gente tem que fazer é sair gritando por aí a nossa verdade, porque as verdades se conectam, eu acredito nisso. Nas verdades que se conectam. Eu acredito que o mundo vai ser mudado por várias verdades que vão se conectando e se transformando numa verdade cada vez maior. E qual é a verdade? Existe força de trabalho sem patrão,

não existe patrão sem força de trabalho. Pode falar de neoliberalismo, pode criar mil coisas para tentar me enganar! Eu sempre botei isso na minha cabeça, existe força de trabalho sem patrão, não existe patrão sem força de trabalho! Ah, mas se não tiver patrão? Se não tiver não tem, e nós não precisamos do patrão. Agora se não tiver força de trabalho, o mundo acaba. Se não tiver patrão o mundo melhora. Mas sem força de trabalho, o mundo acaba! Eu acredito nisso.